

A memorialização virtual de vítimas da pandemia de Aids e as implicações para os conceitos de luto e memória ¹

João Vitor Klein ²

Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul – PUCRS

Resumo

Neste trabalho discutiremos a partir do acontecimento da memorialização virtual de vítimas da pandemia de Aids quais os limites e possibilidades do uso dos conceitos de luto e memória na análise de tal fenômeno. Trata-se de uma discussão preliminar de uma pesquisa exploratória (Gil, 2008) ainda em desenvolvimento. Nosso intuito é, a partir da teoria queer, responder à pergunta: o que fazem esses sujeitos quando prestam homenagens às vítimas da pandemia de Aids nas redes sociais? Nosso trabalho não busca uma resposta fixa e final, mas desenhar caminhos, possibilidades de leitura e interpretação dessa atividade de memorialização.

Palavra-chave: memória; luto; redes sociais; Aids; política

No presente trabalho busco empreender uma breve discussão a respeito da tensão entre as categorias de trabalho de luto e de memória levando em consideração a memorialização coletiva e virtual de vítimas da pandemia de Hiv/Aids. Para efetuar tal atrito entre esses conceitos, lanço mão de uma epistemologia queer pouco afeita a polos fixos, de fato interessada em perturbar essa ordem. Como destaca Guacira Lopes Louro o desafio dos teóricos queer é o movimento de estranhar, de desconfiar, de “ [...] colocar em situação embaraçosa o que há de estável naquele ‘corpo de conhecimentos’”. (2004, p.64, grifo da autora).

Como já mencionado, as reflexões que seguem partem da emergência de um certo tipo de memorialização característica da nossa sociedade “em midiaticização” (Braga, 2012). Ela ocorre no perfil de Instagram @theAidsMemorial, um memorial coletivo que recebe e compartilha homenagens feitas por familiares, cônjuges e amigos de vítimas da pandemia de Aids. Juntos tais testemunhos formam uma espécie de mosaico internacional de relatos e fotografias de pessoas afetadas pelo vírus e pela falta de políticas públicas suficientemente rápidas e efetivas. Nesse sentido, saliento que não me interesso aqui pelos arquivos do poder, não busco acessar a vida de homens e mulheres infames através dos arquivos criados, organizados e mantidos pelo Estado e seus aparelhos, me debruço sobre

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, do 25º Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 48º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando em Comunicação Social pela Escola de Comunicação, Artes e Design - Famecos da PUCRS. Bolsista Capes. Email: joao.klein@edu.pucrs.br

os arquivos que somos nós, faço, nesse sentido, ecoar a concepção de Bourcier para quem: “Todos somos possivelmente arquivos vivos.” (2020, p.2).

Para tanto, partimos da premissa que esses relatos de vida são “como uma performance. Eles reúnem: políticas de saber, testemunho e atuação.” (Bourcier, 2020, p.3). Lemos os enunciados que compõem o memorial aqui analisado, como um texto que não apenas descreve um passado preservado na memória psíquica de um sujeito, mas opera uma ação política de lembrança (especialmente se considerarmos a dimensão coletiva desse perfil) e de restituição da vivência de um luto potencialmente negado.

Me interessa discutir justamente essas duas dimensões que parecem compor a atividade de memorialização da pandemia de Aids, pois num primeiro momento talvez elas possam parecer contraditórias. Afinal, tradicionalmente o trabalho de luto é descrito como uma atividade oposta à da lembrança, segundo Jeudy por exemplo: “O luto, como trabalho contínuo, visa a um afastamento com relação ao sujeito ou ao objeto perdidos, a memória se faz jogo do esquecimento e do ressurgimento (1990, p.142)”. Para o autor, enquanto o trabalho do luto busca a resolução, isto é, um fim, a memória estaria constantemente ocupada em ressignificar o passado à luz do presente.

Ora, o caso do memorial virtual dedicado às vítimas da pandemia de Aids parece distender essa oposição evidenciando que o trabalho de luto não está exatamente apenas interessado em se afastar desse sujeito perdido, mas de alguma forma mantê-lo presente no seu cotidiano. Parece estar interessado em produzir uma memória atuante no presente. Nesse sentido é necessário retomar Douglas Crimp e seu clássico ensaio sobre luto e militância:

Mas para qualquer um que viva diariamente com a crise da AIDS, a interferência implacável em nosso luto é uma ocorrência tão comum quanto ler o New York Times. [...] Como essa violência também profana as memórias de nossos mortos, nos levantamos com raiva para reivindicá-los. Para muitos de nós, o luto se torna militância. (1989, p.137)

Destaco que essas reflexões preliminares não se encerram aqui dado que fazem parte de um estudo mais amplo ainda em desenvolvimento. Por ora, acredito ser necessário registrar a necessidade de superar tais divisões binárias que pouco contribuem na compreensão dos fenômenos sociais. O trabalho de luto e de memória não são dois polos totalmente divergentes, pelo contrário são ações que estão de modo geral, e especificamente no fenômeno aqui discutido, absolutamente imbricados, são movimentos em constante fluxo.

Referências

BRAGA, J. L. Circuitos versus campos sociais. In: MATTOS, MA., JANOTTI JUNIOR, J., JACKS, N. (Orgs). **Mediação & mediação** [on-line]. Salvador: EDUFBA, 2012, pp. 29-52.

BOURCIER, Sam. **Febre de arquivos**. Resista! 2020. Disponível em:
<<https://resistadotblog.wordpress.com/2020/08/25/febre-de-arquivos/>> Acesso em: 20 mai 2025

CRIMP, Douglas. **Mourning and Militancy**. In Melancholia and moralism: essays on AIDS and queer politics. 1989. Disponível em:
<https://queerartpractices.wordpress.com/wpcontent/uploads/2014/07/crimp_mourning_militancy.pdf> Acesso em 08 mai 2025.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

JEUDY, Henri-Pierre. **Memórias do social**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

LOURO, Guacira Lopes. **Um corpo estranho: ensaios sobre sexualidade e teoria queer**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004